

UMA EDUCAÇÃO SEM LIMITES
Karla Saraiva – ULBRA

Ao longo da modernidade, o incomensurável foi alvo de uma proibição absoluta, uma proibição epistemológica. Esta ilusão metafísica desaparece hoje, entretanto, porque no contexto da ontologia biopolítica e de suas formações, o transcendente é o que é impensável [...]. Quando dizemos incomensurável queremos dizer que os desenvolvimentos políticos [...] estão fora de qualquer medida pré-constituída.

(HARDT; NEGRI, 2002, p.377)

Segundo Veiga-Neto (2000), a escolarização desempenhou um importante papel na Modernidade ao preparar as massas para viverem num Estado governamentalizado, que já não tinha por finalidade a manutenção do território, como ocorria nas sociedades de soberania pré-modernas, mas o governo da população. A escola moderna constitui uma condição que tornou possível a emergência do capitalismo industrial, produzindo subjetividades que permitiram a instauração de determinados processos produtivos e políticos. Atualmente, frente às rápidas e radicais mudanças que estão acontecendo na sociedade contemporânea, o papel da educação vem sendo reconfigurado, de modo a dar conta das atuais demandas sociais, econômicas e políticas. Na Contemporaneidade são outras as formas adequadas de ser e estar no mundo, distintas daquelas da Modernidade. As instituições educacionais hoje devem produzir sujeitos com características e competências que atendam as demandas do capitalismo pós-industrial.

Neste artigo mostro o entrelaçamento do surgimento e da disseminação da Educação a Distância (EaD) mediada por recursos *web* com as transformações da sociedade contemporânea e analiso como ela vem sendo representada como uma educação capaz de extrapolar todo tipo de limites.

Da vigilância dos corpos ao controle da produção intelectual

Na Modernidade, surgiu aquilo que Foucault (1999) denominou de poder disciplinar. Diferente do poder soberano, hegemônico até então, que operava de forma descontínua, manifestando-se pela violência repressiva a atos de desobediência ao rei, a disciplina moderna tinha por finalidade maximizar a capacidade produtiva e minimizar a resistência política dos indivíduos. O poder-força do soberano cedeu sua hegemonia para um poder revestido de uma maior astúcia, um poder-saber. Poder que submete não por coação e

proibição, mas por meio da produção de discursos de verdade, que por positivo e produtivo ao nível do desejo e do saber, torna-se forte.

Se o corpo do indivíduo era o lócus de aplicação das punições físicas impostas pelo soberano, o poder disciplinar age de forma indireta sobre esse corpo, que será seu objeto e seu alvo. A disciplina tem por objetivo a produção de corpos úteis e dóceis. Ela é exercida por meio de três dispositivos articulados: a vigilância hierárquica, a sanção e o exame. O processo de disciplinamento moderno exigia uma rígida distribuição dos corpos no espaço e um controle minucioso do uso do tempo. As instituições disciplinares sequestravam os corpos e promoviam seu enclausuramento. A disseminação do poder disciplinar por uma ampla gama de instituições, bem como sua expansão para além de seus muros, levou à constituição daquilo que Foucault chamou de sociedades disciplinares.

A escola pública e acessível a todos foi a instituição de sequestro mais abrangente, condição que tornou possível a emergência e desenvolvimento do capitalismo. Na escola moderna estão articuladas tecnologias disciplinares e tecnologias de subjetivação —que se constituem na relação do ser-consigo, produtora da subjetividade—, implicadas na fabricação do sujeito moderno.

Com as transformações do mundo contemporâneo, alguns vêm anunciando a falência da instituição escolar, que já não estaria dando conta das demandas da atualidade. Junto com Veiga-Neto (2000), creio que os novos modos de viver e de produzir não estão sinalizando uma morte da escola. O que está sendo questionado é aquilo que eram os ideais da escola moderna. A escola produzida na Modernidade e produtora de sujeitos preparados para viver naquele contexto social efetivamente parece hoje estar desencaixada. Porém, a educação da população continua sendo uma condição de grande importância para o funcionamento da sociedade contemporânea. A escola, como lugar de sujeição e subjetivação, ainda desempenha um papel fundamental na racionalidade atual. Mais do que isso: a abrangência das instituições voltadas para a educação parece estar sendo maximizada, ampliando tanto quanto possível a permanência dos sujeitos no interior dos processos educacionais, como mostram as crescentes ofertas de cursos de pós-graduação e a utilização cada vez mais intensa da noção de educação continuada, que pressupõe que o processo de formação nunca terá fim.

Entre outros fatores, as transformações contemporâneas estão imbricadas com mudanças na percepção e uso do espaço e do tempo e com a passagem do fordismo para os sistemas de produção flexíveis, com ênfase no setor de serviços. Aquilo que Deleuze (1992) chamou de sociedade de controle pode ser caracterizado como uma sociedade em que os regimes de visibilidade são diferentes daqueles da sociedade disciplinar, bem como as

tecnologias de exercício de poder e de subjetivação. O trabalho imaterial, característico da sociedade contemporânea (LAZZARATO, 1992), consiste em uma forma de trabalho que implica um menor envolvimento mecânico do corpo e uma intensificação do trabalho intelectual. Ele não exige os sujeitos produzidos pela disciplina moderna, mas profissionais criativos, flexíveis, autônomos, que saibam tomar decisões e controlar por si mesmos sua produção. Nesse sentido, já não se espera que a escola ensine aos alunos que fiquem sentados tranquilamente em seus lugares e que cumpram ordens pontualmente, como preconizou Kant (1994). Hoje, os alunos devem aprender a administrarem seu tempo e gerirem suas atividades.

Parece-me que essas transformações são condições que sustentam a aceitação e a disseminação da EaD no Brasil nos últimos anos, uma modalidade de educação que transfere para o aluno a tarefa de controlar o tempo e de organizar o trabalho, fazendo dessas atividades escolhas individuais. Por meio da internet, o professor poderá verificar o resultado dos esforços de cada um. O controle da produção intelectual substitui a vigilância sobre os corpos. Não mais a observação microfísica dos comportamentos, que promove uma ortopedia do corpo, mas a análise do que cada um produz textualmente. No mundo do trabalho imaterial, o tempo trabalhado é uma medida cada vez menos significativa para quantificar a produção (NEGRI, 2003). Já não importa trabalhar o corpo no detalhe, mas capacitar o sujeito a ser gestor de suas atividades e de seu tempo. Nas sociedades de controle já não é mais necessário o confinamento e a regulação dos horários para a produção de sujeitos autogovernados.

A EaD torna possível um novo tipo de sequestro: já não o corpo enclausurado, mas o tempo utilizado. Sequestrar o maior tempo possível dos sujeitos para sua formação, incluir o máximo de informações, atingir os sujeitos nas localidades mais remotas. Tudo isso aponta não para um decréscimo da atividade educacional, mas para a sua proliferação. A educação deve recobrir uma crescente porção da vida dos indivíduos contemporâneos.

Embora a necessidade de contínuo aperfeiçoamento profissional seja a justificativa mais frequentemente utilizada para esse aumento do tempo dedicado à formação, penso que essa necessidade passa também pelas mudanças que estão acontecendo nos processos de subjetivação. Nas sociedades modernas, as subjetividades eram produzidas a partir de determinadas normas, cuja validade, embora não fosse eterna, era suficientemente longa para que não acontecessem mudanças radicais ao longo da existência do sujeito. Na Contemporaneidade, as normas que orientam a produção de subjetividades desejáveis e adequadas são revistas e atualizadas permanentemente. A velocidade com que as normas se modificam traz a necessidade de expandir os mecanismos de subjetivação. A escola moderna conformava os sujeitos em moldes que tinham validade ilimitada. A educação contemporânea

deve impor um controle mais extenso aos processos de produção da subjetividade, já que os sujeitos são conformados por formas autodeformantes em constante transformação, o que justifica o propósito de reter o maior tempo possível os sujeitos nas redes da educação. A EaD apresenta-se como um recurso capaz de promover o avanço dos processos educacionais no sequestro do tempo dos indivíduos.

A EaD aumenta a abrangência da educação não apenas por sua potencialidade de aumentar o tempo comprometido com o processo de formação, mas também pela possibilidade que apresenta de capturar sujeitos que estariam fora do alcance da educação presencial. Investigando artigos que tratam da EaD, percebi que ela vem sendo representada por pesquisadores e especialistas como uma modalidade de educação que poderia extrapolar os limites que se colocam quando a educação exige a presença simultânea dos corpos num dado local. Nesse sentido, estaria sendo produzida uma ideia de que a EaD seria uma educação sem limites, conforme discuto nas seções posteriores deste trabalho.

O tempo da educação é o tempo todo

Na EaD, o uso de recursos assíncronos de comunicação via *web*, como fóruns e correio eletrônico, faz com que já não exista um horário determinado para o contato entre professor e alunos, apagando os limites temporais que eram impostos na educação presencial. O tempo da sala de aula entra numa expansão virtualmente ilimitada. A EaD apresenta potencial para capturar todo o tempo dos sujeitos, sejam eles professores ou alunos. Os cursos *on-line* acabaram com a rígida grade de horários para dar lugar a uma atividade flexível e continuada. Ao mesmo tempo em que libera os sujeitos do cumprimento de horários, os mantém em um comprometimento permanente. A liberdade de escolha dos momentos que serão dedicados ao estudo é paga com uma amplificação das obrigações mútuas.

A autonomia [em EaD] refere-se à capacidade do estudante de se antecipar aos comandos dos professores e agregar voluntariamente várias tarefas, intensificando, assim, seu próprio ritmo de trabalho (COELHO; HAGUENAUER, 2004, p.6).

Durante todo o processo de orientação, o tutor-orientador deve colocar-se à disposição dos alunos para que eles possam contactá-lo [...] de acordo com as necessidades e ritmo de aprendizagem. Por outro lado, também deverá manter um contato contínuo com eles, buscando acompanhar o andamento de seu estudo, incentivando-os a dar continuidade e apresentando alternativas para solucionar suas dificuldades e necessidades (SANTOS; REZENDE, 2002, p.26).

Essa noção de um engajamento constante entre professores e alunos, que torna possível uma amplificação do controle, é apresentada como uma vantagem por permitir um

fluxo ininterrupto de comunicação entre as partes. Hoje, estar sempre em contato parece ser muito mais importante do que exercer um controle microfísico sobre o corpo. Novamente ressalto que o objetivo da escola moderna de ensinar a cumprir ordens pontualmente já não parece ocupar lugar privilegiado na educação contemporânea. Creio que atualmente se destaca a necessidade de ensinar a estar permanentemente comprometido e a exercer um governo¹ sobre si que torne eficiente o gerenciamento do seu tempo.

Por último, diferentemente do presencial, o ensino na modalidade a distância promovido por meio desta topologia, atende o aluno distante 24 horas por dia (MEDEIROS, 2001, p.13).

Uma das [vantagens] mais indicadas pelos docentes foi a possibilidade de ampliação dos canais de comunicação entre o professor e seus alunos; por exemplo, caso houvesse necessidade de dar algum aviso aos alunos como de mudança na programação ou mesmo disponibilizar uma proposta de atividade de trabalho, tanto professores quanto alunos contavam com um ponto de contato para além dos limites de tempo e do espaço imposto pelo modelo de ensino presencial (VARELLA; VERMELHO; SILVA, 2001, p.41).

As pesquisas sugerem que os resultados de aprendizagem e a retenção em cursos online ministrados na SU são comparáveis com os resultados obtidos em versões presenciais dos mesmos cursos. Porém, os estudantes reportam haver gasto um pouco mais tempo estudando nas versões online e os professores reportam ter gasto muito mais tempo (DOUGHTY; SPECTOR; YONAI, 2003).

Contudo, esse engajamento permanente num processo de comunicação expande-se para além dos cursos na modalidade a distância. Os ambientes de aprendizagem e outros recursos utilizados em EaD *on-line* estão sendo cada vez mais utilizados para a complementação de cursos presenciais. O imperativo de ampliação da captura do tempo dos sujeitos parece-me ser um elemento que está colaborando para a introdução de atividades a distância em cursos presenciais, criando um comprometimento permanente dos participantes e prolongando indefinidamente o tempo da aula.

O uso de tecnologias educacionais mediadas pelo ambiente informatizado, como suporte às aulas convencionais e para ensino a distância, tem sido, com frequência citado como ferramenta para enfrentar as necessidades de atualização permanente (TIMM; SCHNAID; AMORETTI, 2003, p.43).

¹ Usarei o termo governo seguindo Veiga-Neto (2002), que recomenda utilizar governo apenas para aquilo que se refere às ações do Estado. Quando se trata de ações microscópicas e distribuídas pelo tecido social, realizadas com o intuito de dirigir as ações dos sujeitos, deve-se abandonar o termo governo e tomar governo, de modo a diferenciar ambas as situações. Termos correlatos a governo e governo estão dicionarizados em francês, espanhol e inglês. No português, essa palavra aparece em dicionários mais antigos, mas já não consta das obras mais recentes.

Ainda que [os ambientes virtuais de aprendizagem] tenham sido inicialmente desenvolvidos para cursos não-presenciais, estes *softwares* são utilizados como ferramenta de apoio em cursos presenciais (TANNOUS; RODRIGUES, 2002, tradução minha).

Uma característica da EVI é que, por não ser limitada no espaço nem no tempo, a aula continua a acontecer nos períodos que separam os momentos presenciais (TORI, 2002).

As aprendizagens que são produzidas com esse comprometimento permanente vão além dos conteúdos do curso. Professores e alunos aprendem a regular seu tempo de trabalho e a imporem para si rotinas que incluem o acesso sistemático aos ambientes informatizados através dos quais se estabelece a comunicação.

Não há portanto limite para dúvidas e participações dos alunos, que também perdem a timidez e ficam muito mais exigentes quanto ao tempo de resposta (TORI, 2002).

A comunicação ilimitada entre professores e alunos é muito mais do que um recurso para melhorar a aprendizagem. É uma estratégia de controle mútuo permanente e um modo de aprender novos significados espaço-temporais e novas maneiras de ser e estar no mundo. Talvez seja necessário “criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p.217).

O prolongamento do tempo dedicado à formação está sendo pensado não apenas como ilimitado durante o período do curso, mas como podendo até mesmo ultrapassar esse limite.

Outra questão dos ambientes centrados no curso é a impossibilidade dos alunos continuarem a participar e interagir mesmo após o encerramento do curso. Tal questão parece sem sentido quando se trata de educação presencial. Entretanto, ao se trabalhar em um ambiente virtual onde as noções de tempo e espaço são flexíveis, não há nenhum empecilho que impossibilite os alunos de continuarem o curso mesmo após o seu término formal (BEHAR; KIST; BITTENCOURT, 2001, p.90).

Segundo o excerto, através da EaD, a data de término pode ser indefinidamente adiada, mantendo professores e alunos mutuamente comprometidos, mutuamente controlados. As formas de controle na Contemporaneidade tornam-se mais sutis, mais leves, e, ao mesmo tempo, mais capilarizadas, atingindo pontos cada vez mais ínfimos da vida. À educação parece estar reservado um papel de destaque nesse controle contínuo, com um gradativo crescimento de técnicas que permitam que cada vez maiores períodos de tempo sejam dedicados à formação. Em cada curso, a vontade de instaurar uma dedicação sem limites. Conforme já sinalizava Deleuze (1992), na sociedade contemporânea nunca se termina nada. A sociedade moderna, com suas diversas instituições disciplinares, oferecia aos sujeitos uma quitação aparente entre dois confinamentos. Nas sociedades contemporâneas, isso vem sendo

substituído por uma moratória ilimitada. Antes, havia o tempo da formação e o tempo do exercício profissional. Finalizado o tempo de estudo, o sujeito estava formado, quitando suas obrigações com o sistema educacional. Atualmente, a formação nunca está concluída. Sempre é necessário renovar o conhecimento, reciclar, adquirir novas competências. A dívida com o processo de formação nunca é quitada, o homem contemporâneo é “o homem endividado” (DELEUZE, 1992). Na Contemporaneidade, a formação deve ser continuada.

A Educação à Distância (EAD) vem sendo, hoje, objeto de interesse não só do sistema educativo mas, também, do setor produtivo, como estratégia para suprir as constantes e cada vez mais complexas necessidades de educação formal e continuada de profissionais de diversas áreas do conhecimento, dispersos em diferentes localidades geográficas (STRUCHINER *et al.*, 1998, p.3).

A EaD — Educação a Distância está se fortalecendo como formato condizente com necessidades da era do conhecimento: aperfeiçoamento permanente e aprendizagem vitalícia, treinamento on-the-job, aprendizagem cooperativa, distribuída (RODRIGUEZ, 2004),

As novas tecnologias educacionais poderão facilitar a auto-aprendizagem e a educação continuada ao longo de toda vida profissional das pessoas que queiram estar continuamente se atualizando (SANTOS, 2002, p.108).

Esse sequestro ilimitado do tempo, essa ânsia de tornar todo o tempo um tempo comprometido com a educação, torna possível pensar uma formação que nunca estará pronta. A formação já não tem um objetivo final, um encerramento. A formação é um percurso sem ponto de chegada. E é responsabilidade de cada um engajar-se nesse fluxo contínuo de aprendizagem. A educação continuada está sendo tomada como um antídoto para alguns dos riscos que mais causam temor aos sujeitos contemporâneos.

A noção risco passa a ter um lugar cada vez mais destacado na organização da vida contemporânea, sendo tomado como um instrumento de governamento das condutas. Ela está ligada aos acontecimentos suscetíveis de ocorrer a um grupo, distinguindo-se do perigo, entendido como uma ameaça objetiva individual. Todos estão expostos ao risco, mas cada qual com sua probabilidade individual. Nada em si é um risco, assim como tudo pode se constituir em risco, dependendo das representações que se constroem acerca dos acontecimentos (EWALD, 1993). O risco é produzido e cada vez se produzem mais riscos. Produzir riscos nas mais diferentes áreas da vida e maneiras de minimizá-los tem sido, provavelmente, uma das mais importantes formas de governar as populações na Contemporaneidade. O sujeito contemporâneo é chamado a gerir sua vida, de modo a minimizar seus riscos.

Possivelmente essa necessidade de gestão individual do risco esteja impulsionando a ideia de educação continuada, por meio da qual se teria uma mínima segurança de continuar no mercado de trabalho, nesses tempos em que a falta de renda é um dos mais pavorosos temores. Ou seja, a educação continuada poderia dar alguma segurança de continuar pertencendo ao grupo dos consumidores, de continuar sendo um cliente, única forma de ser considerado um sujeito útil na Contemporaneidade, tendo em vista que no contexto atual o trabalho é apenas um meio para possibilitar o consumo. A educação continuada é um movimento, confere mobilidade aos sujeitos. Aqueles que podem desfrutar da educação continuada movem-se no mundo como turistas. Ao abandoná-la, correm o risco de mudarem para o grupo dos excedentes (BAUMAN, 1999). O que motiva os turistas a continuarem investindo tempo e dinheiro na educação continuada é principalmente o medo de se tornarem parte do supranumerário, cujo destino são os depósitos de refúgio humano (BAUMAN, 2005)

Segundo Santos (2006, p.153), “o que faz com que a formação seja vista como continuada, desde o ponto de vista do formando, é justamente a responsabilidade que é imputada ao formando de formular e reformular a própria formação”. O discurso da educação continuada é da ordem daquilo que Foucault (2002) chama de biopolítica, isto é, uma racionalidade para controle da vida da população: ao mostrar a necessidade de atualização permanente para a manutenção das condições de empregabilidade, torna cada um responsável por cuidar de sua trajetória. Cada vez mais os problemas coletivos demandam soluções individuais (BAUMAN, 2000). O problema coletivo da obsolescência das competências profissionais deve ser resolvido com ações empreendidas pelos indivíduos. Numa sociedade regida pelo prudencialismo (O’MALLEY, 1996), cada um deve buscar formas de minimizar sua taxa de risco.

Capturando os que estão distantes

Com a EaD não apenas se pretende intensificar e ampliar o sequestro do tempo, como também capturar sujeitos que até então estariam fora do alcance dos processos educacionais. A educação *on-line* é ilimitada tanto temporal quanto espacialmente. Potencialmente, hoje todos podem estudar, aonde quer que estejam, pois a grande rede pretende recobrir todo o espaço, sem qualquer descontinuidade. A relevância dos processos educacionais na contínua produção e transformação da sujeição e da subjetividade que dão sustentação aos modos de vida na Contemporaneidade não permite que se possa deixar fora dessa trama determinados indivíduos apenas em função de seu posicionamento espacial.

Atualmente, temos o potencial para um ensino menos limitado pelas restrições de tempo e distância de uma sala de aula (COSTA; FAGUNDES; NEVADO, 1998, p.88).

A estratégia de utilização da educação a distância adquire especial relevância em nosso contexto econômico e social e digo isto pois todos vocês sabem que a educação a distância é uma forma factível de aprendizagem, que permite às pessoas ultrapassarem as barreiras geográficas e temporais através de estudo independente (JUSFINIANI *apud* BENTES; BONSEMBIANTE, 2002, p.66).

E nem mesmo dificuldades de ordem pessoal são um impeditivo para a EaD:

Se no presencial, em alguns casos, a mulher deixa a criança em casa e vai à Universidade, no virtual ela lida com situações cotidianas de estudos e de administração da residência (SOUSA, 2002, p.6).

Embora meu trabalho não esteja enfocando questões de gênero, gostaria de fazer um breve comentário nesse sentido. Segundo Louro (1999, p.70), ainda circula na sociedade atual a concepção da existência de “dois mundos distintos (um mundo público e masculino e um mundo doméstico e feminino)”. A tentativa de fixar as mulheres no âmbito da vida privada é uma forma de reduzir sua participação social (PERROT *apud* COSTA, 2000). Esses comentários parecem-me muito pertinentes em relação ao excerto acima apresentado. Num mesmo movimento, outorga-se às mulheres o direito à educação, mas sem a liberar das obrigações com o lar. A identidade feminina permanece amarrada ao cuidado com a casa e com a família. Sua participação na esfera pública seria apenas admitida na medida em que possa conciliar esses compromissos com suas obrigações domésticas. E parece que até para isso a EaD poderá colaborar...

Entretanto, além das questões de gênero, esse excerto mostra o apagamento da dicotomia moderna entre a vida pública e a vida privada. A vida privada era entendida como compreendendo as ações e relações que se desenvolviam no âmbito do lar, da família e das relações pessoais. Essa parte da vida estaria separada daquilo que se entendia como vida pública, relacionada com o mundo do trabalho, dos negócios, da educação e outros aspectos correlatos, como a militância política. Atualmente, fica cada vez mais difícil a separação desses dois aspectos da existência. A internet e o telefone celular são artefatos que sinalizam claramente esse apagamento das fronteiras público/privado. Ao navegar pela internet, é possível realizar simultaneamente atividades ligadas à família ou à profissão, não importando se a localização física do indivíduo é seu local de trabalho, um aeroporto ou a própria casa. A formação pode acontecer em qualquer lugar, já não é preciso abandonar os espaços privados para entrar na esfera pública da educação. Já previra Deleuze (1992, p.216) que “a educação será cada vez menos um meio fechado”.

A compreensão da educação *on-line* como uma modalidade que não encontra limites tem provocado manifestações defendendo a formação de turmas com um número de alunos muito superior a qualquer grupo hoje existente na educação presencial. Para alguns, a sala de aula, ao perder seus muros, será capaz de abrigar uma multidão ilimitada de indivíduos.

Um recente relatório da Universidade de Illinois sustenta que o número ótimo para turmas em cursos à distância é de não mais de vinte alunos. Debates em listas de discussões também têm revelado números semelhantes. Todas essas opiniões são baseadas na forma imitativa atual dos cursos. Mas grupos de vinte não vão resolver nossos problemas de aprendizagem (BORK, 2001, p.47),

Mas não podemos negar que quando se fala em aulas com audiências de 600, 1000 ou mais alunos, a primeira pergunta que surge questiona sobre a possibilidade de manutenção da qualidade para tamanha audiência. Estivessem todas no mesmo local físico e empenhadas em reproduzir os ambientes tradicionais de ensino, estas preocupação teriam a sua justificativa. O que muitos esquecem é que o espaço de aula na educação a distância deve ser tratado de forma totalmente diferente que aquele espaço utilizado nos ambientes presenciais (MUNHOZ, 2003, p.4).

Mesmo defendendo turmas com grande número de alunos, esses autores mostram-se preocupados com o atendimento das necessidades individuais e com a construção do conhecimento. As saídas apontadas são muito vagas: propostas de automatização de tarefas do professor por meio de recursos tecnológicos e invenção de novos modos de educar são as alternativas apresentadas.

Com base nessas concepções, verifica-se a necessidade de uma atenção mais individualizada do professor em relação aos seus alunos. Num curso *online* isso é imprescindível [...] para a garantia de qualidade da aprendizagem (COELHO; HAGUENAUER, 2004, p.7-8).

Devo destacar que a maioria dos artigos não parece compartilhar desse posicionamento favorável a turmas com grande número de alunos. Entretanto, o que se tem muitas vezes constatado nas práticas que acontecem nas instituições de ensino que utilizam a EaD é a formação de turmas com uma enorme quantidade de matrículas, no intuito de baratear a educação.

Para finalizar

Os enunciados que apresentei neste artigo mostram a emergência de uma representação da EaD como uma modalidade de educação que não sofre restrições de ordem temporal ou espacial. A EaD se configura como uma educação sem limites, que pode estender seu controle para alcançar os pontos mais recônditos. Sua fluidez permite que ela se insira nos interstícios da vida, infiltrando-se nos domínios privados, atravessando etapas que até então

eram marcadas e distintas. Parece ser a modalidade adequada para aquilo que Hardt e Negri chamam de Império, entendido como a substância política que constitui o mundo contemporâneo. Segundo esses autores “o conceito de Império caracteriza-se fundamentalmente pela ausência de fronteiras: o poder exercido pelo Império não tem limites” (HARDT; NEGRI, 2002, p.14). Para eles, a subjetividade contemporânea é “híbrida e modulada” (HARDT; NEGRI, 2002, p.353). Esse sujeito capaz de constantemente se reconfigurar deve estar submetido a um controle ainda mais intenso do que era necessário para constituir o sujeito relativamente estável da Modernidade. Em tempos de Império, com poderes ilimitados, também a educação está sendo pensada como um operador social sem limites.

Um sequestro do tempo que busca a saturação, uma rede educacional potencialmente capaz de capturar todos os corpos: eis o quadro que se desenha para a EaD. Meu objetivo neste artigo não foi o de desqualificar ou repudiar a EaD, mas de mostrar algumas representações que estão sendo construídas acerca dessa modalidade educacional e que interpelam professores, alunos e sociedade em geral. Se me coloco do lado daquilo que Veiga-Neto (1996) chama de hiper crítica é para tensionar algumas verdades que estão sendo naturalizadas no campo da EaD, no intuito de que a problematização das práticas torne possíveis outras formas de pensar a educação, rompendo com a mesmidade que muitas vezes vem dominando os discursos desse campo. O que dá sentido de meu trabalho é compreender como chegamos a ser o que hoje somos, para pensar o que poderemos ser.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEHAR, Patricia Alejandra; KIST, Silvia; BITTENCOURT, Juliano. ROODA - Rede cOoperativa De Aprendizagem - uma plataforma de suporte para aprendizado a distância. *Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v.4, n.2, p.87-96, dez. 2001.

BENTES, Roberto; BONSEMBIANTE, Ricardo. O Ensino da Informática Básica a distância: uma proposta de criação de cursos modulares. *Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v.5, n.1, p.63-77, mai. 2002.

BORK, Alfred. O que é necessário para uma aprendizagem efetiva na internet? *Colabor@*, Curitiba, v.1, n.1, p.46-52, ago 2001. Disponível em: <<http://gemini.ricesu.com.br/colabora/n1/index.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

COELHO, Cláudio Ulysses; HAGUENAUER, Cristina. As Tecnologias da Informação e da Comunicação e sua Influência na Mudança do Perfil e da Postura do Professor. *Colabor@*, Curitiba, v.2, n.6, mar 2004. Disponível em: <<http://gemini.ricesu.com.br/colabora/n6/index.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

COSTA, Íris; FAGUNDES, Lea; NEVADO, Rosane. Projeto TEC-LEC: modelo de nova metodologia em EaD incorporando os recursos da telemática. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.1, n.1, p.83-100, 1998.

COSTA, Marisa V. Mídia, magistério e política cultural. In: _____. *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2000. p.73-91.

DOUGHTY, Philip; SPECTOR, J. Michael; YONAI, Barbara. Time, Efficacy and Cost Considerations of e-Collaboration in Online University Courses. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, v.2, n.1, mai. 2003. Disponível em: <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=1por&in_foid=840&sid=131>. Acesso em: 22 jun. 2006.

EWALD, François. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Vega, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Piracicaba: Unimep, 1994.

LAZZARATO, Maurizio. Le concept de travail immatériel : la grande entreprise. *Futur Antérieur*, Paris, n.10, fev. 1992. Disponível em: <<http://multitudes.samizdat.net/Le-concept-de-travail-immateriel.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

LOURO, Guacira. *Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MEDEIROS, Gilbeto *et al.* Um cenário educacional para a PUCRS Virtual. *Colabor@*, Curitiba, v.1, n.1, p.12-17, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n1/index1.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

MUNHOZ, Antonio. A Educação a Distância em Busca do Tutor Ideal. *Colabor@*, Curitiba, v.2, n.5, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n5/index1.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

O'MALLEY, Pat. Risk and responsibility. In: BARRY, A., OSBORNE, T. e ROSE, N. *Foucault and political reason: liberalism, neo-liberalism and rationalities of government*. Chicago: University of Chicago, 1996. p.189-207.

RODRIGUEZ, Isabel. Teoria x EaD x Tempos Velozes. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, v.3, n.1, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=1por&tpl=home>>. Acesso em: 22 jun. 2006.

SANTOS, Henriette; REZENDE, Flávia. Formação, mediação e prática pedagógica do tutor-orientador em ambientes virtuais construtivistas de aprendizagem. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.31, n.157/158, p.19-29, abr/set 2002.

SANTOS, João de Deus. *Formação Continuada: cartas de alforria e controles reguladores*. Porto Alegre: PPG-Educação/UFRGS, 2006. Tese de Doutorado.

SANTOS, Marcílio. Implicações do uso de computadores em rede e a internet no ensino de enfermagem: sua utilidade e limitações. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.31, n.157/158, p.105-112, abr./set. 2002.

SOUSA, Carlos Alberto de. “Decifra-me ou devoro-te”: a Universidade na era virtual. In: *Colabor@*, Curitiba, v.1, n.4, p.3-15, mai. 2002. Disponível em: <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n4/index1.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2006.

STRUCHINER, Miriam *et al.* Elementos fundamentais para o desenvolvimento de ambientes construtivistas de aprendizagem à distância. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v.26, n.142, p.3-11, jul./set. 1998.

TANNOUS, Katia; RODRIGUES, Sueli. Aplicación de Herramienta de Educación a Distancia como Soporte Didáctico a la Enseñanza en Ingeniería Química. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, v.1, n.2, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=1por&infoid=640&sid=131>>. Acesso em: 22 jun. 2006.

TIMM, Maria Isabel; SCHNAID, Fernando; AMORETTI, Maria Suzana. Elaboração de Projetos, Hipermídia e *E-learning-by-doing*: ferramentas pedagógicas para o ensino de engenharia. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.6, n.2, p.39-57, jul./dez. 2003.

TORI, Romero. A Distância que Aproxima. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, São Paulo, v.1, n.2, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=1por&infoid=640&sid=131>>. Acesso em: 16 out. 2005.

VARELLA, Péricles; VERMELHO, Sonia Cristina; SILVA, Ana Carolina da. A experiência da UCPR na implantação das tecnologias de informação e comunicação no ensino superior. *Colabor@*, Curitiba, v.1, n.1, p.37-45, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ricesu.com.br/colabora/n1/index1.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. *A Ordem das Disciplinas*. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 1996.

_____. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera; CASTELO BRANCO, Guilherme. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. p.179-217.

_____. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B.L. e VEIGANETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.